

Quando Felipão encontra Liberatinho

Maurício Canêdo Pinheiro



Substituições. É disso que este artigo trata. O grupo está coeso, eu vou entrar para somar e todos devem estar prontos para quando aparecer uma oportunidade, diria eu se fosse um jogador de futebol.

Algo muito corriqueiro no futebol moderno, as substituições somente foram permitidas a partir da Copa do México, em 1970. Antes disso, em caso de lesão, as equipes eram obrigadas a continuar a partida em desvantagem numérica. Atualmente, as substituições têm um papel tático importante no futebol. Quando bem-feitas podem mudar o rumo de um confronto.

Seleção foi previsível e as substituições feitas pelo técnico brasileiro trocaram seis por meia dúzia

E isso nos leva a Liberatinho. E nesse ponto vocês devem estar se perguntando: quem é ele, afinal? Você não vai falar do jogo? O que isso tem a ver com a Copa do Mundo? No que eu respondo: calma que eu chego lá.

Pois bem, Liberatinho foi técnico do time infantil do Central Atlético Clube, equipe que defendi com muito orgulho ao lon-

go de minha infância em Miguel Pereira. Um dos jogadores do nosso elenco era o Tutuca, que por coincidência era filho do Liberatinho. Independentemente do placar, do resultado e da configuração do jogo, Tutuca era sempre escalado no segundo tempo. Sempre a mesma coisa. O que nos leva ao confronto de ontem entre Brasil e México.

O Brasil novamente não jogou bem. E mais uma vez foi previsível. Trata-se de um time fácil de ser marcado. E as substituições, que poderiam mudar o andamento da partida, foram igualmente previsíveis. A primeira foi para consertar um erro de escalação: Ramires é útil como segundo volante, vindo de trás sem marcação como elemento surpresa. Como terceiro homem de meio-campo é aquilo que vimos. Paulinho está mal, e nesse caso Ramires seria uma boa opção pensando na sequência da competição.

As outras duas substituições foram mais do mesmo: meio-campo por meio-campo, centroavante no lugar de centroavante. E o time continuou jogando da mesma maneira. Parece que cada jogador tem o seu reserva predefinido — com características similares às do titular da posição — e as alterações são sempre seis por meia dúzia. Nos jogos realmente decisivos, temos opção caso seja preciso fugir de uma retranca ou tentar algo diferente? Por que não Willian e Oscar juntos?

Mas não se desesperem. Apesar de Liberatinho e de suas substituições previsíveis, aquela equipe foi muito vitoriosa. Portanto, ainda acredito que o hexacampeonato virá. O que ficou claro hoje é que ainda sofreremos muito até lá.

Maurício Canêdo Pinheiro é economista, pesquisador do IBRE/FGV e goleiro (de pelada)